



## Perspectivas sobre a argumentação: breve panorama

### *Perspectives on argumentation: brief overview*

Helcira Maria Rodrigues de Lima

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
helciralima@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1916-6591>

María Alejandra Vitale

Universidad de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires / Argentina  
alejandravitale@filo.uba.ar

<https://orcid.org/0000-0002-2746-4070>

**Resumo:** A *Retórica* de Aristóteles (2010) foi retomada e ressignificada pelas teorias da argumentação contemporâneas. Cada uma delas se apropria dessa herança de modo a alavancar, a partir dos anos de 1990, uma intensa produção de pesquisas. Na atualidade, em um movimento que visa à melhor compreensão dos discursos sociais, em especial, da polêmica, do papel das emoções no discurso, da violência verbal, de discursos de ódio, entre outros, assistimos ao resgate do pensamento aristotélico em problemáticas da argumentação, a partir de um necessário diálogo com os trabalhos produzidos sobre o discurso midiático, político e, em especial, sobre o discurso digital. Nessa seara, sem a pretensão de esgotar o assunto, nosso propósito é apresentar no artigo um panorama dos estudos em argumentação que circulam nas pesquisas contemporâneas, além de lançar algumas luzes à reflexão sobre o papel da argumentação nesse espaço digital, assim como na configuração e na circulação desses discursos.

**Palavras-chave:** argumentação; discursos digitais; análise do discurso.

**Abstract:** Aristotle's Rhetoric was taken up and given a new meaning by contemporary theories of argumentation. Each one of them appropriates this heritage in order to leverage, from the 1990s onwards an intense production of research. Currently, in a movement aimed at better understanding social discourses, especially polemics, the

role of emotions in discourse, verbal violence, hate speeches, among others, we are witnessing the rescue of Aristotelian thought in argumentation issues, from a necessary dialogue with the works produced on the media and political discourse and, in particular, on the digital discourse. In this field, without intending to exhaust the subject, our purpose is to present in the article an overview of the studies in argumentation that circulate in contemporary research, in addition to shed light on the role of argumentation in this digital space, as well as in the configuration and in the circulation of these discourses.

**Keywords:** argumentation; digital discourse; discourse analysis.

## 1 Introdução

A retórica, como arte do discurso, promove uma reflexão teórica e pedagógica. Seu surgimento é associado aos sofistas, no século V a. C., na Sicília, momento em que, terminada a guerra civil, com a expulsão dos tiranos, os conflitos judiciais começaram a surgir. Nesse contexto, Córax, discípulo de Empédocles, e Tísias, redigiram a primeira coletânea destinada ao ensino de recursos argumentativos para que fosse possível lutar pelos direitos perdidos. Ao contrário do que em geral se defende, assinala Reboul (1998), a retórica teria uma origem judiciária e não literária ou filosófica.

Como afirma Plebe (1978, p. 3), a partir de Suess e de Rostagni, a retórica não se exauriu nos escritos de Córax e Tísias sobre uma “retórica baseada na demonstração técnica do verossímil” e há registros de que, no mesmo período, outra escola praticava uma retórica psicagógica, “fundada na sedução irracional que a palavra, sabiamente usada, exerce sobre a alma dos ouvintes”, corrente ligada ao mundo pitagórico. Ainda com Plebe (1978, p. 3), “as características fundamentais destes discursos são duas: em primeiro lugar, o seu propósito de usar estilo e argumentos conforme os diferentes ouvintes; a seguir, o emprego constante da figura retórica antítese”. Como se vê, os estudos de argumentação desenvolvidos na contemporaneidade herdaram não somente de Aristóteles, mas dos sofistas importantes reflexões sobre o caráter argumentável das emoções e sobre a noção de polêmica.

No contexto da democracia pericleana, os sofistas ensinaram técnicas de persuasão àqueles que pudessem pagar por seus serviços, o que contribuiu para dar continuidade à instrução básica recebida nas escolas. Entretanto, como atesta Kerferd (2003, p. 35), eles ensinavam

diversos conteúdos, “mas, como a finalidade principal continuava sendo a de preparar homens para uma carreira política, não é de surpreender que uma parte essencial da educação oferecida fosse treinar a arte do discurso persuasivo”. Essa arte muito bem utilizada por Platão, mas também muito criticada, por diversas razões que não cabe mencionar nesse momento,<sup>1</sup> será posteriormente sistematizada por Aristóteles (2010), de modo a adquirir ares mais metódicos. A obra *Retórica*, que se torna uma espécie de “discurso fundador” dos estudos sobre o assunto, é dividida em três livros. No primeiro livro, Aristóteles apresenta de forma orgânica e completa a “retórica antiga”, as relações entre retórica e técnica (PLEBE, 1978), os gêneros oratórios; no segundo, dedica-se às paixões, uma vez que, para ele, não basta que o orador se mostre em uma dada atitude, que construa uma determinada imagem de si (*éthos*), é preciso que torne favorável à sua imagem a postura do ouvinte (*páthos*). No terceiro e último, o estagirita discorre sobre o estilo. Enfim, a obra apresenta uma sistematização da retórica que favorece a iniciação nos estudos sobre o assunto.

A *Retórica* de Aristóteles (2010) foi retomada e ressignificada pelas teorias da argumentação contemporâneas. Cada uma delas se apropria dessa herança de modo a alavancar, a partir dos anos de 1990, uma intensa produção de pesquisas. Na atualidade, em um movimento que visa à melhor compreensão dos discursos sociais, em especial, da polêmica, do papel das emoções no discurso, da violência verbal, dos discursos de ódio, entre outros, assistimos ao resgate do pensamento aristotélico em problemáticas da argumentação, a partir de um necessário diálogo com os trabalhos produzidos sobre o discurso midiático, político e, em especial, sobre o discurso digital.

O acesso às novas tecnologias tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento como o Brasil, mesmo com suas peculiaridades, colocou em cena novas formas de interação, criou as denominadas “bolhas digitais”, propiciou uma suposta democratização da participação nos debates políticos e sociais. Nesse emergente cenário, embora sempre presentes, cresceram e se disseminaram com mais facilidade as polêmicas públicas, as quais deram origem a uma infinidade de interações polêmicas nas redes sociais. O digital, é preciso

---

<sup>1</sup> Para saber mais sobre o assunto, ver, entre outros, Kerferd (2003), Cassin (2005), Pernot (2000).

salientar, consiste em um espaço de produção e circulação de discursos e, sobretudo, de reprodução de discursos, uma vez que os espaços de circulação *on-line* e *off-line* se interpenetram de modo a estabelecer um constante jogo de influências mútuas (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2020). Desse modo, há uma incessante troca estabelecida, que determina novas relações de poder, mas também que ressignifica outras e mesmo reproduz outras tantas.

A polarização social no campo político já existente entre grupos associados a um posicionamento de direita e aqueles que se identificam com um posicionamento de esquerda se exacerbou nas últimas eleições brasileiras e a dicotomização discursiva se mostrou ainda mais evidente no ambiente digital, mobilizando emoções e também a violência verbal. Com isso, o ideal de uma argumentação voltada para o consenso e contrária à violência acabou sendo colocado em xeque diante de interações erísticas que passaram a circular cada vez com mais frequência.

Como afirmou Lima (2020, p. 391),

(...) a denominada democracia digital contribuiu para superdimensionar essas relações e para fazer ouvir vozes antes abafadas, escondidas e, sobretudo, silenciadas. Essas vozes estão espalhadas no ambiente digital colaborando com a manutenção do sistema democrático, mas também, por outro lado, incitando a desconfiança sobre sua validade.

Construções falaciosas, violência verbal e discursos de ódio são propagados diuturnamente. Aliado a isso, ainda temos as denominadas *fake news* que, em um momento de descrédito das instituições, da justiça, de valores antes cristalizados, acabam por dominar campanhas eleitorais, o universo das celebridades, as campanhas de prevenção à disseminação do vírus Covid 19, enfim, discursos sociais de toda ordem. Todavia, apesar dessa visada pessimista, não podemos deixar de evidenciar os ganhos alcançados com o acesso ao universo digital de um modo geral, como a redução de distâncias, a velocidade das interações, a diluição de fronteiras, entre outros.

As considerações brevemente aqui apresentadas não têm a pretensão de esgotar o assunto, de fazer uma história crítica dos discursos digitais e, ainda, uma crítica da construção argumentativa dos discursos digitais, o que consistiria em um projeto interminável. Nosso propósito é apresentar no artigo um panorama dos estudos em argumentação que

circulam nas pesquisas contemporâneas, além de lançar algumas luzes à reflexão sobre o papel da argumentação nesse espaço digital e na configuração e na circulação desses discursos.

## **2 Retórica e argumentação: algumas problemáticas**

Nos anos de 1950, dois autores, Toulmin (2006 e Perelman (1996), vindos do campo da lógica, buscam, a partir da herança aristotélica, conferir uma racionalidade própria à argumentação a partir da ideia de verossimilhança. Enquanto Toulmin (2006), na obra *Usos do argumento*, elimina orador e auditório em sua descrição da “mecânica” de funcionamento da argumentação, e se dedica exclusivamente ao discurso, em uma visada quase-lógica, Perelman e Olbrechts Tyteca (1996), na obra *Tratado da argumentação: a nova retórica*, privilegiam tais categorias, destacando o aspecto comunicacional da retórica.

Segundo Bernier (2020, p. 6), a obra do polonês-belga recuperou

(...) o fio rompido da tradição oratória, desempenhou desde o período pós-guerra um papel pioneiro na redescoberta deste saber milenar, cujo renascimento estava prestes a ser um dos principais fenômenos da vida intelectual de nosso tempo.

Nesse contexto, pós 2ª Guerra Mundial, movido por um questionamento sobre a noção de justiça e por um desejo de se manifestar contra o pensamento positivista que imperava, Perelman escolhe pelo retorno da retórica ao campo da Filosofia do Direito. Noções como as de razoável, valor, acordo prévio, ideias vagas são apresentadas de modo a fomentar uma profunda reflexão cujo foco extrapola seu alvo inicial, influenciando outros domínios, como a Filosofia, a Comunicação e mesmo a Análise do discurso. A partir de Aristóteles, no *Tratado*, os autores apresentam às gerações futuras uma concepção de argumentação amparada na ideia de persuasão. A Nova Retórica tem como aspecto central a adesão, cuja existência está condicionada à liberdade, uma vez que a argumentação é uma “comunhão de espíritos”. Ademais, a lógica dos juízos de valor estava também no centro dessa empreitada dos autores, cuja busca era por uma outra racionalidade, fora da análise lógica e racional. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 61),

O uso da argumentação implica que se tenha renunciado a recorrer unicamente à força, que se dê apreço à adesão do interlocutor, obtida graças a uma persuasão racional, que este não seja tratado como um objeto, mas que se apele à sua liberdade de juízo. O recurso à argumentação supõe o estabelecimento de uma comunidade de espíritos que, enquanto dura, exclui o uso da violência. Consentir na discussão é aceitar colocar-se do ponto de vista do interlocutor, é só se prender ao que ele admite e não se prevalecer de suas próprias crenças, senão na medida em que aquele que procuramos persuadir está disposto a dar-lhe seu assentimento.

Apesar de se dedicarem à apresentação da tipologia dos argumentos na maior da obra e desenvolverem uma perspectiva mais descritivo-sociológica da argumentação, não privilegiando as questões de linguagem, os autores têm muito a nos ensinar na atualidade. O fundamento humanista da obra de Perelman se mostra cada vez mais necessário para se repensar os discursos sociais,<sup>2</sup> o campo da política e, claro, as interações estabelecidas em redes sociais. Se, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a violência prejudica a possibilidade de escolha, como sua obra poderia auxiliar em uma reflexão sobre os discursos de ódio, sobre a violência verbal que prevalece, na maior parte do tempo, nessas trocas digitais? Talvez o caminho seja o resgate de seu projeto de “uma formação retórica que seria a formação do cidadão” (NICOLAS, 2020, p. 35), portanto, com uma dimensão fundamentalmente política da retórica. Como bem pontua Nicolas (2020, p. 36),

A impossibilidade de separar a redescoberta da racionalidade argumentativa no final da década de 1940 de uma vontade de reinventar, de cima para baixo, nossas práticas democráticas colocando-as num contexto mais humanista e concreto. É aqui que reside, acredito, a atualidade principal de Perelman, que nos mostra o caminho, ou pelo menos uma maneira de repensar nossa vida cidadã.

Outro autor, que ocupou a cadeira de Perelman na Universidade de Bruxelas após sua aposentadoria, e também tem como norte a retórica aristotélica é Michel Meyer. Segundo ele, o alvo central do pensamento

---

<sup>2</sup> Para uma apropriação de Perelman (1996) a partir da análise do discurso, ver Vitale (2016).

humano é aquele da questão e da resposta, denominado de diferença problematológica: “L’activité intellectuelle, dont l’usage du langage fait partie, consiste à traiter les problèmes que se posent à nous” (MEYER, 2012, p. 86).

Meyer defende uma concepção de retórica que coloca no mesmo nível as três provas retóricas – *éthos*, *páthos* e *lógos* –, pois “privilegier l’une ou l’autre dimension pour subordonner les deux autres n’a donne que des conceptions unilatérales de la rhétorique” (MEYER, 2012, p. 92). Para o autor, o fracionamento da retórica, que ocorreu ao se privilegiar uma das provas em detrimento das outras nas diversas definições de retórica, é fruto de ela ter se amparado em um proposicionalismo típico da lógica (se *p* então *q*). Entretanto, como, ao contrário da lógica, a retórica não visa ao apodíctico, mas sim ao verossímil, não faz sentido exigir de um orador demonstrações rigorosas.

Desse modo, essa concepção abre caminhos para se pensar na inter-relação entre as provas, assim como em sua importância na negociação da distância entre os sujeitos. Isto porque a retórica é definida por Meyer (2008, p. 21) como a “*négociation de la distance entre des individus à propos d’une question donnée*”, negociação que se dá pela linguagem, pouco importando se se pauta na emoção ou na razão. Quando há uma questão, quando existe a problematologia ou interrogatividade, temos uma distância ou uma diferença problematológica entre os sujeitos que pode ser negociada, caso haja interesse. O problema está em não haver o interesse na negociação, está em não haver interesse na diminuição das distâncias, como nos casos em que prevalecem os discursos de ódio.

Assim como a perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a abordagem de Meyer não pode ser vista como redentora, porque tem suas limitações, mas pode apoiar estudos voltados à educação, à formação do cidadão, ao lançar também uma reflexão sobre o julgamento de valor. Tanto Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) quanto Meyer (2008) privilegiam uma abordagem da racionalidade. Para o primeiro, na argumentação, deve haver a valorização do outro, argumentar é querer persuadir e o outro precisa estar aberto ao entendimento. Quando a violência verbal impera, não há argumentação, porque aquela prejudica a liberdade de escolha dos sujeitos. E, para o segundo, a argumentação existe para superar o problema, a questão dada, que consiste também na distância entre os sujeitos, a qual diz respeito a tudo que estabelece uma

relação de oposição entre os homens. Não existe mundo sem perguntas que geram respostas e sem a necessidade de argumentar. A retórica existe onde há polêmica, pois se há apenas consenso não há necessidade dela. Nas conclusões de sua obra *Principia Rhetorica*, Meyer (2008, p. 313) afirma que

l'argumentation peut servir à désmythifier l'illusion d'en avoir trouvé une [Histoire]. Elle est alors critique, en prétendant désamorcer les positions obscurantistes et les naïvetés idéologiques qui ressurgissent, notamment à la faveur du retour du religieux ou du discours communautaire.

Mesmo entendendo que nem sempre alcançamos o consenso esperado e mesmo desejado, mesmo considerando que o dissenso faz parte da democracia, o autor nos ensina que a argumentação pode auxiliar em uma mirada mais crítica.

Uma terceira pesquisadora da Universidade de Bruxelas, que mantém a tradição de pesquisas em retórica e argumentação, é Emmanuelle Danblon, coordenadora do grupo de pesquisa GRAL (Grupo de Pesquisa em Argumentação e Linguística), a qual também se direciona a uma mirada mais crítica, fruto do exercício da retórica e da argumentação. Assim como Perelman (1996) e Meyer (2008), Danblon resgata o pensamento de Aristóteles em sua obra. A autora enceta uma discussão que já se faz presente na obra de Perelman (1996) sobre a importância da retórica para a formação do cidadão. Sua proposição inclui um movimento em defesa de uma crítica,

la critique n'est possible que si l'on considère les règles et les valeurs de la communauté comme simultanément justifiables et non définitives. Cela signifie qu'aucune valeur ne peut être revendiquée comme applicable absolument et dans tous les cas. Cela signifie aussi que ce renoncement à l'absolu n'est en aucune façon synonyme d'une relativité total des valeurs ou d'un arbitraire dans les décisions humaines. Cela signifie enfin que la critique est le devoir de chaque citoyen en démocratie. (DANBLON, 2004, p. 32)

Na obra *L'homme rhétorique* a autora se lança em um ousado projeto de ultrapassar as dicotomias como técnica e prática, razão e paixão, corpo e mente, pois “la rhétorique est d'abord une faculté que met en oeuvre les multiples facettes de la raison humaine. (DANBLON,



2013, p. 4). Sua visão de razão humana é mais abrangente e permite-lhe defender a ideia de que a retórica, como faculdade universal do *Homo rethoricus*, seria responsável pela formação do cidadão. Em sua empreitada em defesa de uma razão não mais estratificada, tanto nessa obra quanto em diversos artigos, Danblon busca o resgate da retórica espontânea e natural do homem para chegar ao exercício crítico da retórica. Seu percurso visa repensar a razão humana a partir de uma razão retórica.

En effet, le modele que je défends ici me permet suggérer que les liens puissants qui structurent la citoyenneté, laquelle est formé du langage, de la cité et du bonheur, s'exercent par et dans la rhétorique, cette technique qui les mettra em oeuvre dans des genres (épidictique, délibératif et judiciaire) qui sont des institutions politiques et discursives. (DANBLON, 2012, p. 8.)

Inserida também na seara da argumentação no discurso, Ruth Amossy (2018) propõe uma problemática que busca associar Retórica Clássica, Nova Retórica, Análise do Discurso, Pragmática e Lógica Informal e nos apresenta um panorama frutífero para análise de discursos sociais. A autora defende a presença de uma argumentatividade no discurso e contesta, a partir da AD, a ideia de um sujeito agente e dono de seu dizer. O sujeito, nessa problemática da argumentação no discurso, move-se em um espaço de pressões e de estratégias, para dizer com Charaudeau (1983). No panorama apresentado na obra *Argumentação no discurso*, Amossy (2018) ressignifica as provas retóricas e os gêneros de discurso, retoma e apresenta rica reflexão sobre a noção de auditório, além de reintroduz a noção de *dóxa*, considerada como base de toda argumentação.

A doxa não é um espaço alienante das ideias recebidas que impede de pensar, mas o lugar comum no qual os homens encontram-se para negociar suas visões. Não se pode esquecer ainda que esta doxa (que não é necessariamente uma, em dada sociedade e pode diferenciar-se em correntes diversas) é feita de palavras e não pode existir fora de sua materialidade linguageira. (VITALE; AMOSSY, 2017, p. 190.)

Como em todo seu movimento, seu gesto de análise nos deixa uma amostra do “como fazer, como analisar discursos sociais” a partir

dessa perspectiva. Suas considerações sobre as noções de *estereótipos*, *clichês*, *ideias consagradas*, já apresentadas em outras obras, aparecem nessa empreitada, uma vez que dizem respeito ao que ela denomina de *elementos dóxicos*. Nesse caminho, retoma também a noção de *éthos*, amplamente abordada a partir de distintas vozes, na obra *Imagens de si no discurso: a construção do éthos*.

Além do mencionado livro, Amossy (2017) reacende uma discussão sobre a polêmica, conferindo a ela um importante papel na democracia. Em sua visão, apesar de muito criticada e mesmo vilipendiada, a polêmica é parte da linguagem humana e não pode ser negligenciada. A autora enxerga a polêmica como um modo de gestão conflitual, marcada pela polarização ou divisão social e pela dicotomização que é de ordem discursiva. Na relação estabelecida com o outro, o polemista pode desqualificá-lo e chegar a um debate virulento. A polêmica não é, assim, apenas um debate violento, mas marca um antagonismo muito forte, um choque de teses contraditórias e, mais ainda, essas teses em contradição exacerbam diferenças muitas vezes irreconciliáveis. Nesse sentido, elas podem até mesmo promover a paralisia do debate, algo pontuado pelo canadense Marc Angenot (2008).

Em um primeiro momento, Angenot (1982, p.147) abordou a argumentação no discurso panfletário, momento em que a define como “l’art d’enchaîner logiquement des propositions en vue logiquement des propositions en vue d’une fin persuasive” e a diferença da persuasão, entendida como “effet produit par l’argumentation sur l’allocutaire”. Defende que a persuasão, tal como ocorre no panfleto, não é alcançada somente pela argumentação, mas também mobilizando os afetos. Angenot revisita a dialética aristotélica, a tradição retórica e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) para caracterizar tipos de raciocínios e técnicas de refutação. Ele relê Aristóteles e apresenta a noção de ideologema: toda máxima subjacente a um enunciado cujo sujeito lógico (também sujeito ideológico, como “o judeu” ou “o instinto maternal”) circunscreve um campo de pertencimento particular.

Posteriormente, a partir de sua teoria do discurso social, Angenot (1989) sustenta que o argumentar e o narrar são os dois grandes modos de encenar o discurso. A argumentação integra o discurso social, enquanto este é definido como os sistemas genéricos, os repertórios tópicos e as regras de encadeamento dos enunciados que, em uma sociedade dada, organizam o dizível, entendido como o narrável e o opinável. O discurso

social constitui um sistema regulador global que organiza a divisão do trabalho discursivo, a forma regulada da diferenciação dos discursos, que varia historicamente. A argumentação como integrante do discurso social está atravessada pela hegemonia discursiva, graças à qual as práticas significantes que coexistem em uma sociedade não estão justapostas, mas constituem um todo orgânico. A hegemonia discursiva, em efeito, determina as formas aceitáveis da argumentação, constitui um mecanismo que opera contra o centrífugo, homogeneiza as retóricas, os tópicos e as *doxai* transdiscursivas. Está integrada, entre outros, por uma tópica, conjunto de lugares ou pressupostos irredutíveis do convincente social, que produz o opinável, o plausível e sustenta a dinâmica do encadeamento dos enunciados de toda ordem. A tópica inclui, em um *continuum*, lugares quase-universais, por exemplo a regra de justiça, e os que estão atravessados pela *dóxa*, como a honra ou o amor maternal.

Por último, em um terceiro momento da produção de Angenot (2008), a argumentação está pensada em relação com a noção de *diálogo de surdos*, que se refere ao fato de que na vida social ele é a regra. Mais que uma exceção, a incompreensão mútua e o desacordo, ocasionado, porque os argumentadores produzem seus discursos a partir de lógicas argumentativas divergentes, impermeáveis, intraduzíveis, prevalece. Estas lógicas argumentativas são códigos retóricos diferentes formados por regras do argumentável, do conhecível, do debatível e do persuasível, que não são universais nem a-históricas. Dessa maneira, as argumentações que coexistem em um estado da sociedade discordam pelos dados selecionados, pela incompatibilidade eventual dos vocabulários, quais são os argumentos válidos e inválidos, verossímeis e inverossímeis e as oposições dos interesses de quem as formula. Estas lógicas argumentativas são próprias de determinadas comunidades ideológicas que compartilham crenças e modos de expressá-las. Para Angenot (1997, 2015), o racional não é transcendente nem único, constitui um conjunto de esquemas persuasivos aceitos em um tempo e lugar determinados e considerados como débeis ou aberrantes em outro tempo. Por sua vez, a pluralidade de performances argumentativas pode ser reduzida como um *arsenal argumentativo*, número finito de argumentos e técnicas de refutação recorrentes que duram a médio e longo prazo, como Angenot (2004) mesmo exemplifica em *Rhétorique de l'anti-socialisme, 1830-1914*.

Em uma diferente via, mas ainda ligado ao campo da AD, Christian Plantin (2008) apresenta um modelo dialogal de argumentação.

Em sua perspectiva, ele defende um modelo que associa uma perspectiva enunciativa e a uma interacional. A estrutura do modelo é dialética, pautada na troca, em diálogos entre sujeitos. A argumentação, para o autor, é uma forma de interação problematizante. A situação argumentativa é tripolar, envolvendo um *proponente*, um *oponente* e um *terceiro*, porque argumentar é propor, se opor e duvidar.

Argumentar é uma atividade biface que se exerce sobre um fundo de tensão irredutível entre monólogo e diálogo, entre trabalho enunciativo e trabalho interacional. O diálogo constitui o fundo: estamos no domínio do discutível. É uma realidade de ordem antropolinguística: é difícil imaginar uma sociedade sem pluralidade de interesses às vezes contraditórios. A argumentação é um modo de tratar essas divergências. (...) Para que haja argumentação, é preciso que se esteja situado num campo de sentido e que haja uma pergunta compartilhada, por bem ou por mal. Segue-se que um discurso não contradito vale como a verdade. (PLANTIN, 2008, p. 18-19.)

Plantin (2011) desenvolve também outro importante trabalho sobre o caráter argumentável das emoções. Essa pesquisa o leva à localização de *termos de emoção* nos enunciados, a partir de palavras pertencentes ao universo semântico das emoções, além também de conduzi-lo a itens lexicais que não pertencem a esse universo – termos indiretos –, mas que podem, igualmente, conotar efeitos emotivos e mesmo provocar efeitos emotivos. Tudo isso levando-se em conta a situação enunciativa e com base na ideia de orientação argumentativa desenvolvida por Ducrot (1984).

Além dos pesquisadores mencionados, estudiosos pertencentes às sociedades e associações de retórica em todo mundo e, sobretudo, na América do Sul – Associação Argentina de Retórica (AAR), Sociedade Brasileira de Retórica (SBR), Organização Ibero-americana de Retórica (OIR) –, além do GT “Argumentação” (ANPOLL – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Letras e Linguística), de diversos grupos de pesquisas, credenciados no CNPq, entre os quais destacamos: o pioneiro GERAR (“Grupo de estudos de Retórica e argumentação”), coordenado pela recém-falecida professora Lineide Mosca, RETORAR

(“Retórica e argumentação”),<sup>3</sup> coordenado pelas professoras Helcira Lima e Maria Cecília Nogueira Coelho (UFMG), ELAD (“Grupo de Estudos de linguagem, argumentação e discurso”), coordenado pelo professor Eduardo Piris (UESC) e tantos outros, os quais promovem uma diversidade de eventos e proporcionam um aberto canal ao diálogo e à reflexão sobre o tema. Na Argentina, podemos mencionar, entre outros, o Grupo de Investigación de Archivos de la Represión (GIAR),<sup>4</sup> da Universidade de Buenos Aires, coordenado pela professora Alejandra Vitale, o qual estuda esses arquivos, a partir de uma perspectiva retórico-discursiva, além do Grupo do Centro Interdisciplinar de Argumentação e Retórica, da Universidade Nacional de Tucumán, na qual se oferta a primeira pós-graduação em Retórica da Argentina, *la Maestría en Retórica y argumentación*, dirigida por María Elisa Salas e co-dirigida por Alejandra Vitale.

### 3 Perspectivas normativas, argumentação multimodal

Como reconhece Marianne Doury (2013), as aproximações com a argumentação no âmbito anglo-saxão são propensas a adotar uma posição normativa, enquanto no espaço francófono tendem a ser descritivas, desenvolvendo-se a partir da linguística – Adam (2004) e Ducrot (1984) – e da análise do discurso com a retomada de noções da retórica, como é o caso de Amossy (2018) e de Angenot (2008).<sup>5</sup>

Entre as aproximações normativas da argumentação e aqueles que valorizam o acordo e o consenso, foi adquirindo cada vez maior protagonismo a pragmatialética (VAN EEMEREN; HOUTLOSSER, 2004; VAN EEMEREN; GROOTENDORST; HENKEMANS, 1996; VAN EEMEREN; GROOTENDORST, 1992). Inspirados na década de setenta do século passado pelo racionalismo crítico de Karl Popper, van Eemeren e Grootendorst se interessam pela resolução de diferenças de opinião por meio da argumentação, a qual consideram um fenômeno

---

<sup>3</sup> Entre os diversos eventos organizados pelo Grupo, estão: “Jornadas de *Retórica e Argumentação*”; “*Seminário docere, delectare et movere*”, que já está em sua 4ª edição.

<sup>4</sup> As publicações do GIAR estão disponíveis no site: [www.grupoinvestigacionarchivosdelarepresion.wordpress.com](http://www.grupoinvestigacionarchivosdelarepresion.wordpress.com)

<sup>5</sup> As propostas sobre a argumentação da lógica natural de Grize (1984, 1990) tampouco são normativas.

da comunicação verbal que apresenta razões ou argumentos que defendem um ponto de vista, uma concepção que supõe uma tomada de posição em uma disputa. A pragmadialética concebe os procedimentos argumentativos como atos de linguagem produzidos no curso de um intercâmbio discursivo e está ancorada na filosofia de Austin e Searle e na teoria da racionalidade conversacional de Grice. Para van Eemeren e Grootendorst (1992), a resolução de uma disputa passa, idealmente, por quatro etapas, que correspondem a quatro fases diferentes de uma discussão crítica: conformação, abertura, argumentação e fechamento. A violação das regras que regulam a discussão crítica em cada uma dessas etapas é considerada uma falácia, e, nesse sentido, os autores se afastam da concepção de falácias de Hamblin (1970) como argumento que parece válido, mas não é e que toma como única norma a da lógica. Mais tarde, sem abandonar o ideal de uma argumentação válida que não formule falácias, eles integram uma perspectiva retórica no marco dialético, pois consideram que aqueles que argumentam não têm o único objetivo de levar uma discussão de maneira razoável, nem que triunfe sua posição.

No marco da Análise Crítica do Discurso, Ruth Wodak se refere ao *argumentative turn* (2015b), especificamente no estudo do discurso político. Em sua perspectiva que denomina *enfoque histórico do discurso*, se interessa pelo poder persuasivo e manipulador da política. Dentre as estratégias discursivas que considera úteis para a análise dos discursos sobre questões raciais, nacionais e étnicas inclui a argumentação, à qual se aproxima através da noção de *tópos* (WODAK, 2001, 2015b). Ele enxerga os *topoi* como aqueles elementos que formam parte das premissas obrigatórias, sejam explícitas ou implícitas; afirmando que os *topoi* justificam a transição das premissas à conclusão. Norman Fairclough (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012), por seu turno, se interessou, na última etapa de sua obra, pela argumentação prática, isto é, a argumentação orientada à tomada de uma decisão como resposta a um problema prático. Nesse sentido, constrói um modelo que é tanto descritivo como normativo, pois permite avaliar e examinar criticamente a argumentação. Em efeito, em consonância com o compromisso e com a tomada de partido do analista, assumido pela análise crítica do discurso, Fairclough sustenta que a boa política está intimamente relacionada com uma boa argumentação. Decorre disso que esta deva satisfazer a certos padrões. Por este motivo, considera que a efetividade retórica seria

insuficiente para fazer de um argumento um bom argumento e retoma perspectivas normativas como a da Pragmadialética e a de Walton.

Mais recentemente se abriu o campo de discussão sobre a argumentação multimodal, importante nos meios digitais e nas redes sociais. As imagens visuais foram enfatizadas e alguns negaram-lhes a possibilidade de argumentar, alegando que são ambíguas e vagas, não podendo ser reduzidas a proposições e apelam mais às emoções que a razão. A pragmadialética, por seu turno, interessou-se pela argumentação multimodal, por exemplo em publicidades, cartazes, filmes e *cartoons*. Nesse sentido, Groarke (2002) defende a posição de que as imagens argumentam e sustenta que uma imagem que expressa um ponto de vista com premissas de apoio é uma imagem argumentativa. Defende que a pragmadialética pode esclarecer as características dos argumentos visuais, fornecendo uma perspectiva teórica elaborada que explica como funcionam, quais são suas relações com os argumentos verbais e o que determina sua eficácia ou sua ineficácia.

A partir de uma perspectiva retórica, Blair (2004) sustenta que há argumentação visual se o que se comunica inclui um fator que pode ser considerado uma razão para aceitar uma proposição, mudar de atitude ou realizar uma ação. Isto se prova, ao traduzir verbalmente o que se comunica visualmente. A argumentação visual, contudo, comparada com a verbal, caracteriza-se por sua escassa sutileza, a simplicidade e a impossibilidade de entrar em refutações e contra-argumentações. A Análise Crítica do Discurso, de sua parte, considera que os signos manifestados em diversos modos – os recursos semióticos que se dão de maneira simultânea nos discursos, como a imagem visual, a posição espacial, o som, entre outros – são selecionados e organizados segundo os interesses, a partir dos quais eles são produzidos. Nesse sentido, postula-se que os signos são motivados em suas relações entre forma e significado (KRESS, 2010). A argumentação é pensada como persuasão e os estudos focalizam a leitura crítica de mensagens multimodais que discriminam minorias ou legitimam relações desiguais de poder (CRETI, 2019; SERAFIS *et al.*, 2020).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Para uma síntese de diversas perspectivas de estudo da argumentação multimodal, ver Gonçalves-Segundo (2021).

#### 4 Retórica e argumentação em interações digitais: aportes teóricos e metodológicos

Os trabalhos que compõem este número temático atestam o fato de que assistimos não somente na Europa, mas também na América do Sul a uma explosão de pesquisas sobre argumentação que lidam com dados empíricos, especialmente voltados para os discursos digitais, a partir de perspectivas teóricas distintas. A emergência destes estudos tem uma história, ou seja, é marcada por uma demanda urgente de compreensão das novas formas de interação, as quais surgem e se renovam incessantemente. De interações por *chat* passamos em pouco tempo a interações por *facebook* e *whatsApp*, entre outras. Com o acesso cada mais fácil aos meios digitais e a partir de uma demanda recolhida por maior participação na vida social, a internet se transformou em pouco tempo em uma espécie de arena romana, na qual, com a proteção de uma máscara, os sujeitos se digladiam, se sentem mais livres para dizer o que pensam, para expressar de uma maneira como não teriam coragem em uma interação face a face (LIMA, 2018). Como afirma Bastos (2014, p. 39),

O paradoxo das redes contemporâneas é justamente o de mudar o sentido tanto da massa quanto da multidão. Por um lado, elas tornam homogêneos os desejos coletivos. Por outro, modelam formas de ação que visam instalar a divergência. Em algum lugar no meio situa-se a vocação da rede, o que só comprova a complexidade desta tecnologia que, não obstante, tem caminhado em rumos cada vez mais centralizados que negam sua configuração inicial de espaço sem fronteiras e hierarquias.

Os trabalhos componentes do número temático atestam a complexidade mencionada pelo autor e nos apresentam diferentes questionamentos sobre a relação entre discursos digitais, sociedade e argumentação.

Seguindo a temática do *éthos*, no artigo “Deonticidade nos discursos de Donald Trump: um *ethos* para cada audiência”, Victória Glenda Lopes Batista, Nadja Paulino Pessoa Prata e Léia Cruz de Menezes descrevem e analisam expressões modalizadoras deônticas, a partir, sobretudo, da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), em quatro pronunciamentos de Donald Trump. Este material foi coletado por meio de pesquisa *on-line* e se trata de documentos disponibilizados quer por instituições vinculadas ao Congresso Americano, quer por jornais *on-line* e portais virtuais, que se dedicam à tradução e disponibilização dos discursos.



Laura Cristina Bonilla-Neira também ressalta o papel do *éthos* na construção argumentativa, no artigo “Construcción de la imagen colectiva de grupos a favor del Acuerdo de paz de Colombia en Twitter”. Ela analisa a configuração do *éthos* coletivo digital a propósito de grupos que apoiaram o Acordo de paz com a guerrilha na Colômbia. A partir da análise do discurso francesa e da argumentação no discurso, estuda a construção de uma imagem coletiva (*éthos* coletivo) e as estratégias que retrabalharam o *éthos* em situações polêmicas e de ataques do político adversário.

Assim como no artigo de Bonilla-Neira, outro tema bastante explorado nos textos componentes deste número é a polêmica, tal como se verifica em “Comentários *online* e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica”, em cuja análise descritiva Evandro de Melo Catelão e Amanda Bueno de Oliveira voltam-se para comentários *online* em uma publicação com temática homoafetiva no Instagram. No percurso de leitura, os autores abordam a presença e o uso de estereótipos, lugares-comuns e as chamadas evidências partilhadas no interior de uma interação polêmica. O artigo se vale da argumentação no discurso, associada à Análise do discurso digital e também à Análise textual/discursiva.

Seguindo as trilhas da polêmica, Isabel Cristina Michelan de Azevedo, Paulo Roberto Gonçalves-Segundo, Eduardo Lopes Piris no artigo “Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil”, abordam o assunto privilegiando uma leitura de doze intervenções argumentativas do debate e uma cadeia de nove comentários, caracterizados pelo diálogo de teor erístico, apoiando-se em Plantin (2008) sobre a perspectiva interacional da argumentação, em Amossy (2018) sobre a argumentação polêmica, Walton (1998) sobre o diálogo erístico e, finalmente, em Culpeper (2011) e Blitvich (2010) sobre a impolidez na interação. O artigo estabelece as características da modalidade polêmica presentes nos dois tipos de interação, especifica as marcas do diálogo erístico e indica como os atos de impolidez associam-se à argumentação.

Em “‘Passando a boiada’: aspectos dialógicos e interdiscursivos em textos relacionados ao discurso do Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles”, Camila Belizário Ribeiro e Maria Clotilde Almeida, a partir do dialogismo e da heterogeneidade discursiva, analisam reações que desse polêmico discurso, de 22 de abril de 2020, o qual provocou

diversas manifestações em sites da web, incluindo em sua leitura as metáforas multimodais.

Ademais da polêmica, das *fake news* e do negacionismo, outro assunto bastante estudado nos últimos anos são discursos de ódio, como se verá no texto “Argumentação em discursos de ódio no *Facebook*: uma categorização contributiva à Linguística Forense e à Linguística Computacional”. Welton Pereira e Silva analisa mensagens dessa rede social contra minorias étnicas, de gênero/orientação sexual e religiosas. A partir das propostas de Amossy (2018) e Charaudeau (2010), o autor classifica categorias argumentativas do discurso de ódio, como diversos tipos de *ad personam*.

Ainda sobre este tema, em uma diferente via, no artigo “Impeachment ou morte: a configuração retórica de um evento polêmico no espaço público digital”, Rodrigo Seixas e Lucas Nascimento analisam evento polêmico no *Twitter*, em torno de manifestações sobre um ato polêmico iniciado pelo Deputado Federal Marcelo Freixo (PSOL). Os autores valem-se das pesquisas de Paveau (2013) acerca do discurso digital, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e dos estudos retóricos sobre polêmica desenvolvidos por Angenot (2008, 2015), além de Nascimento (2018a) e Seixas (2019).

O terceiro texto que ainda vai nessa direção é “A retórica da intransigência e a campanha de desinformação em *fake news* sobre a pandemia de Covid-19”, cujo autor, João Paulo Eufrázio de Lima, centra-se na estrutura argumentativa de *fake news* sobre o Covid-19, a fim de verificar sua força argumentativa e sua capacidade de persuasão, a partir das provas do *éthos* e do *páthos*, de conceitos da obra de Hirschman (1992) e de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996).

A relação entre argumentação e emoções também se fez presente nos artigos do número temático, explicitando o crescimento do interesse pelo assunto nos últimos anos. Em “A propósito da indignação: a negociação das distâncias em comentários sobre um crime de feminicídio”, Leandro Silva Moura se propõe a verificar em que medida a *indignação* constitui-se como estratégia argumentativa, aproximando ou afastando ainda mais os sujeitos que participam das trocas simbólicas em redes sociais, a partir da argumentação no discurso e das proposições de Meyer (2005).

No artigo “Bolsonaro e o jornalismo em conflito midiático”, a partir do arcabouço teórico fornecido pela Análise do Discurso, pela

Retórica e pela Argumentação, Renata Aiala de Mello apresenta uma reflexão a respeito da permanente reconstrução das identidades das instâncias enunciativas e o uso estratégico das emoções. A análise dirige-se a um *corpus* constituído de quatro matérias jornalísticas *online* e sete postagens presidenciais em redes sociais publicadas nos últimos dois anos (2019-2020).

Em um diferente caminho teórico, no artigo “Usos argumentativos de ‘pero’ em meios digitais espanhóis”, voltado para uma análise discursivo-funcional, Carolina da Costa Pedro e Talita Storti Garcia apresentam uma leitura dos usos deste item lexical em um *corpus* do espanhol escrito em meios digitais, considerando-o, ao final da análise, como importante elemento do ponto de vista argumentativo.

Outro aspecto contemplado no número temático foi a abordagem normativa, no artigo “Quality of argumentation in political tweets: what is and how to measure it”, de Cássio Faria da Silva, Amanda Pontes Rassi, Jackson Wilke da Cruz Souza, Renata Ramisch, Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes e Helena de Medeiros Caseli. Os autores propõem, a partir de Wachsmuth *et al.* (2016, 2017a, b, c, d), critérios linguísticos para medir a qualidade da argumentação no *Twitter*, no intuito de contribuir com a construção de um modelo computacional que a avalie automaticamente.

Finalmente, podemos afirmar que o número contempla diversas abordagens teóricas em um material também diverso, redes sociais, sites, comentários de leitor, entre outros. Nas diversas perspectivas de estudo da argumentação subjazem diversas concepções do discurso, a razão, a interação verbal, o consenso e o dissenso; algumas focalizam os contextos sociais, históricos e ideológicos das práticas argumentativas, enquanto outras postulam modelos ideais regidos por normas para avaliar a adequação ou não dos intercâmbios argumentativos empíricos.

De nossa parte, esperamos que as pesquisas sobre a argumentação, incluindo a retórica, nas quais desenvolvemos nossas próprias investigações, contribuam para desmontar os mecanismos que legitimam as posições autoritárias, os discursos de ódio, as relações de dominação, a fim de dotar de poder a palavra pública das comunidades discriminadas e silenciadas. Nesse sentido, os novos meios digitais e as redes sociais, como assinala Scolari (2008), ao mesmo tempo em que funcionam como dispositivos de controle têm um potencial emancipatório que possibilita táticas de resistência, hoje necessárias em muitos de nossos países.

## Referências

ADAM, J.-M. Une approche textuelle de l'argumentation. *In*: DOURY, M.; MOIRAND, S. (ed.). *L'argumentation aujourd'hui*. Positions théoriques en confrontation. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2004. p. 77-102.

AMOSSY, R. Apologia da polêmica. Coordenação da tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; tradução de Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Eduardo Lopes Piris *et al.* São Paulo: Contexto, 2018.

ANGENOT, M. *Dialogues de sourds*: traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et Une Nuits, 2008.

ANGENOT, M. *Interventions critiques VI*. Montréal: Discours Social/ Presses de Université McGill, 2015.

ANGENOT, M. *Rhétorique de l'anti-socialisme, 1830-1914*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2004.

ANGENOT, M. *Les ideologies du ressentiment*. Montréal: XYZ Éditeur, 1997.

ANGENOT, M. *1889*. Un état du discours social. Québec: Éditions du Préambule, 1989.

ANGENOT, M. *La parole pamphlétaire*. Contribution à la typologie des discours modernes. Paris: Playot, 1982.

ANGENOT, M. *Dialogues de sourds*. Traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et Une Nuits, 2008.

ARISTÓTELES. *Retórica*. 4. ed. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Casa da Moeda. 2010.

BASTOS, M. Sentidos da multidão: redes sociais como forma dispersa do aglomerado. *In*: SANTAELLA, L. (org.). *Sociotramas*: estudos multitemáticos sobre redes digitais. São Paulo: Edição das Letras e Cores, 2014. p. 27-41.

BERNIER, M. A. Prefácio. In: ANGENOT, M.; BERNIER, M. A.; CÔTÉ, M. *Renascimentos da Retórica*: Perelman hoje. Coordenação da tradução de Helcira Maria Rodrigues de Lima e Eduardo Lopes Piris; tradução Helcira Maria Rodrigues de Lima *et al.* Coimbra: Grácio Editor, 2020.

BLAIR, J. A. The Rhetoric of Visual Arguments. In: HILL, C.; HELMERS, M. (eds). *Defining Visual Rhetorics*. Mahwah: Lawrence Erlbaum. 2004. p. 41-61. BLITVICH, P. G. C. The YouTubeification of Politics, Impoliteness and Polarization. In: TAIWO, R. (org.). *Handbook of Research on Discourse Behavior and Digital Communication: Language Structures and Social Interaction*. Hershey: IGI Global, 2010. p. 540-563. DOI: <https://doi.org/10.4018/978-1-61520-773-2.ch035>

CASSIN, Barbara. *O efeito sofisticado*: sofística, filosofia, retórica, literatura. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005.

CHARAUDEAU, P. *Langage et discours*. Paris : Hachette, 1983.

CULPEPER, J. *Impoliteness*: Using Language to Cause Offence. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975752>

DANBLON, E. *Argumenter en démocratie*. Bruxelles: Éditions Labor, 2004.

DANBLON, E. La rhétorique ou l'art de pratiquer l'humanité. *Semen*, [S.l.], n. 34, p. 1-12, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.9725>

DANBLON, E. *L'homme rhétorique*. Paris: Cerf; Humanités, 2013.

DOURY, Marianne. The Virtues of Argumentation from an Amoral Analyst's Perspective, *Informal Logic*, Stanford, CA, v. 33, n. 4, p. 486-509, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22329/il.v33i4.4078>

DUCROT, O. *Le Dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.  
FAIRCLOUGH, I.; FAIRCLOUGH, N. *Political Discourse Analysis*. A Method for Advanced Students. London; New York: Routledge, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203137888>

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Argumentação multimodal: múltiplos olhares para um objeto complexo. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PIRIS, E. L. (org.). *Estudos de linguagem, argumentação e discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 73-109.

GRIZE, J. B. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1990.

GRIZE, J. B. (ed.). *Sémiologie du raisonnement*. Berne: Peter Lang, 1984.

GROARKE, L. Toward a Pragma-Dialectics of Visual Argument. In: VAN EEMEREN, F. H. (ed.). *Advances in Pragma-Dialectics*. Amsterdam: Sic Sat, 2002. p. 137-151. HAMBLIN, C. L. *Fallacies*. Londres: Methuen, 1970.

KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

KRESS, G. *Multimodality. A Social Semiotic Approach to the Contemporary Communication*. New York: Routledge, 2010.

LIMA, H. M. R. de. Vozes em confronto: a polêmica em torno da Lei do Feminicídio. *RÉTOR*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 84-105, 2018.

LIMA, H. M. R. de. Discursos negacionistas disseminados em rede. *Revista da ABRALIN*, Aracaju, v. 19. n. 3, p. 389-408, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i3.1758.

MEYER, M. *Principia rhetorica. Une théorie générale de l'argumentation*. Paris: Fayard, 2008.

MEYER, M. Problématique et argumentation ou la philosophie à la rencontre du langage. In: CARRILHO, M. M. (ed.). *La rhétorique*. Paris : CNRS, 2012. p. 83-104. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.editions-cnrs.19210>

NASCIMENTO, L. S. *Análise dialógica da argumentação: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político*. 2018. 557f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018a.

NASCIMENTO, L, S. Um diálogo entre a filosofia do ato e a argumentação: um caminho possível. In: AZEVEDO, I. C.; PIRIS, E. L. (org.). *Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares*. Coimbra: Grácio Editor, 2018b. v. 2, p. 153-172.

NICOLAS, L. O projeto retórico de Chaïm Perelman à luz de sua correspondência In: ANGENOT, M.; BERNIER, M. A.; CÔTÉ, M. *Renascimentos da Retórica: Perelman hoje*. Coordenação da tradução de Helcira Maria Rodrigues de Lima e Eduardo Lopes Piris; tradução Helcira Maria Rodrigues de Lima *et al.* Coimbra: Grácio Editor, 2020.

PAVEAU, M-A. Genre de discours et technologie discursive: tweet, twittécriture et twittérature. *Pratique : , Pratique : Linguistique, Littérature, Didactique*, Lorraine, n.157-158, p. 7-30, 2013. DOI : <https://doi.org/10.4000/pratiques.3533>

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*. A nova retórica. Tradução de Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERNOT, L. *La Rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.

PLANTIN, C. *Les bonnes raisons des émotions*. Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné. Berne: Peter Lang, 2011. DOI: <https://doi.org/10.3726/978-3-0352-0070-6>

PLANTIN, C. A argumentação biface. In: LARA, G. M. P. *et al.* (org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. v. 2. p. 13-26.

PLEBE, A. *Breve história da retórica antiga*. Tradução e notas de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. *Análise de redes para a mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCOLARI, C. A. *Hipermediaciones*. Elementos para una teoría de la Comunicación Digital Interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.

SCRETI, F. Carne, carbón, y cojones. La representación de la masculinidad en anuncios suizos contemporáneos: el caso de Bell. *Discurso y Sociedad*, La Rioja, v. 13, n. 4, p. 765-797, 2019.

SEIXAS, R. *Entre a retórica do impeachment e a do golpe: análise do conflito de lógicas argumentativas na doxa política brasileira*. 2019. 433f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SERAFIS, D. *et al.* Towards an integrated argumentative approach to multimodal critical discourse analysis: evidence from the portrayal of refugees and immigrants in Greek newspapers. *Critical Discourse Studies*, [S.l.], v. 17, n. 5, p. 545-565, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17405904.2019.1701509>

TOULMIN, S. *Os usos do argumento*. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VAN EEMEREN, F. H.; HOUTLOSSER, P. Una vue synoptique de l'approche pragma-dialectique. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. (ed.). *L'argumentation aujourd'hui*. Positions théoriques en confrontation. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle. 2004. p. 45-75.

VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R.; HENKEMANS, F. S. *Fundamentals of Argumentation Theory*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishing. 1996.

VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R. *Argumentation, Communication, and Fallacies*. A Pragma-dialectical Perspective. New Jersey; London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1992.

VITALE, M. A. Memória retórico-argumentativa: Encontro entre Perelman e Pêcheux. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 156-172, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v29i2p156-172>

VITALE, M. A.; AMOSSY, R. Uma conversação com Ruth Amossy. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 12, n. 18, p. 189-192, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.79470>

WACHSMUTH, H.; AL-KHATIB, K.; STEIN, B. Using argument mining to assess the argumentation quality of essays. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS: TECHNICAL



PAPERS, 26., 2016, Osaka. *Proceedings* [...]. Osaka: The COLING 2016 Organizing Committee, 2016. p. 1680-1691.

WACHSMUTH, H.; NADERI, N.; HABERNAL, I.; HOU, Y.; HIRST, G.; GUREVYCH, I.; STEIN, B. Argumentation quality assessment: Theory vs. practice. *In: ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 55., 2017, Vancouver. *Proceedings* [...]. Vancouver: Association for Computational Linguistics, 2017a. p. 250-255. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/P17-2039>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/P17-2039>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; NADERI, N.; HOU, Y.; BILU, Y.; PRABHAKARAN, V.; THIJM, T. A.; HIRST, G.; STEIN, B. Computational argumentation quality assessment in natural language. *In: CONFERENCE OF THE EUROPEAN CHAPTER OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 15, 2017, Valencia. *Proceedings* [...]. Valencia: Association for Computational Linguistics, 2017b. p. 176-187. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/E17-1017>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/E17-1017>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; POTTHAST, M.; AL-KHATIB, K.; AJJOUR, Y.; PUSCHMANN, J.; QU, J.; DORSCH, J.; MORARI, V.; BEVENDORFF, J.; STEIN, B. Building an Argument Search Engine for the Web. *In: WORKSHOP ON ARGUMENT MINING (ARGMINING 2017) AT EMNLP*, 4., 2017, Copenhagen. *Proceedings* [...]. Copenhagen: Association for Computational Linguistics, 2017c. p. 49-59. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/W17-5106>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/W17-5106>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; STEIN, B.; AJJOUR, Y. “PageRank” for argument relevance. *In: CONFERENCE OF THE EUROPEAN CHAPTER OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 15., 2017, Valencia. *Proceedings* [...]. Valencia: Association for Computational Linguistics, 2017d. p. 1117-1127. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/E17-1105>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/E17-1105>. Access on: May. 20, 2021.

WACHSMUTH, H.; WERNER, T. Intrinsic Quality Assessment of Arguments. *In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS*, 28., 2020, Barcelona. *Proceedings*

[...]. Barcelona: International Committee on Computational Linguistics, 2020. p. 6739-6745. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/2020.coling-main.592>. Available in: <https://www.aclweb.org/anthology/2020.coling-main.592>. Access on: May. 20, 2021.

WALTON, D. *The New Dialectic: Conversational Contexts of Argument*. Toronto: University of Toronto Press, 1998. DOI: <https://doi.org/10.3138/9781442681859>

WODAK, R. Discrimination via Discourse: Theories, Methodologies and Examples. In: BONVILLAIN, N. (ed.). *The Routledge Handbook of Linguistic Anthropology*. Abingdon: Routledge, 2015a. p. 366-383.

WODAK, R. Argumentation, Political. In: MAZZOLENI, G. (ed.). *The International Encyclopedia of Political Communication*. New York: John Wiley & Sons, 2015b. p. 1-9. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118541555.wbiepc080>

WODAK, R.; MEYER, M. *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage Publications, 2001. DOI: <https://doi.org/10.4135/9780857028020>